

Este artigo foi recebido em outubro de 2024 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme política editorial, sendo aprovado para publicação em novembro de 2024.

O EMPODERAMENTO DA MULHER FRENTE À VIOLÊNCIA E DISCRIMINAÇÃO NA NARRATIVA DO FILME O LABIRINTO DO FAUNO

THE EMPOWERMENT OF WOMEN IN THE FACE OF VIOLENCE AND DISCRIMINATION IN THE NARRATIVE OF THE FILM FAUNO'S LABYRINTH

Rita Cunha

Doutoranda em Teologia (Faculdades Est) Mestra em Teologia (EST) Especialista em Cultura Pop (Faculdades Est) Graduada em Letras Português/Espanhol (Unisinos) Coordenadora do projeto de cinema estudantil (IENH)

E-mail: rita.c@ienh.com.br

Júlio César Adam

Professor adjunto de Teologia Prática na Faculdades EST, em São Leopoldo/RS, Brasil. Possui graduação em Teologia pela Escola Superior de Teologia (Faculdades EST) e doutorado em Teologia pela Universidade de Hamburgo, Alemanha.

E-mail: julio3@est.edu.br

Resumo

Em uma Espanha pós-guerra civil, três mulheres - Ofélia (a menina), Carmem (sua mãe) e Mercedes (a empregada doméstica) - enfrentam um ambiente de violência e discriminação. Nesse sentido, se analisará o empoderamento feminino como alternativa de superação à violência e discriminação contra a mulher em ambientes familiares a partir da análise narrativa do filme O Labirinto do Fauno de Guillermo del Toro de 2006. Tendo em vista que este uma alternativa para superação dessa lógica perversa, mas que, por conta de um sistema cultural posto e engendrado para subjugar corpo e mente feminino impede que as mulheres tenham vitórias significativas na implementação de seus direitos.

Palavras-chave: Cinema. Religião. Violência contra a mulher.

Abstract

In post-Civil War Spain, three women - Ofelia (the girl), Carmen (her mother), and Mercedes (the housekeeper) - face an environment of violence and discrimination. In this context, the empowerment of women will be analyzed as an alternative to overcome violence and discrimination against women in family settings, based on the narrative analysis of Guillermo del Toro's 2006 film 'Pan's Labyrinth.' Considering this as an option to overcome this perverse logic, it is important to note that, due to a cultural system established to subjugate the female body and mind, women are hindered from achieving significant victories in the implementation of their rights.

Keywords: Movie theater. Religion. Violence against women.

Introdução

A violência contra a mulher desde a antiguidade é tema recorrente. A mulher suporta toda a sorte de abusos e violências, desde o seio familiar passando pela rua até seu espaço de trabalho. Esta violência se apresenta de forma física, psicológica e moral. O filme O Labirinto

do Fauno, de Guillermo del Toro, 2006, retrata esta violência suportada por diferentes mulheres e suas formas de enfrentamento desse devir.

Nesse sentido, é possível especular-se acerca da natureza dessa violência como sendo de matriz cultural? A não superação desse quadro de violência é dado pela falta de iniciativas de empoderamento feminino? E, ainda, quais são as ferramentas de empoderamento feminino apresentadas no filme? Pressupõe-se que assim como no filme, as mulheres na vida real não dispõem de ferramentas hábeis de superação da violência suportada devido ao fato de serem sujeitos diminuídos na efetividade de seus direitos, fruto de um sistema histórico-cultural onde as mesmas seriam consideradas não como sujeitos de direitos. O presente estudo justifica-se dado ao relevante tema e a conveniência da discussão acerca da violência suportada pelas mulheres, bem como alternativas para superação desse quadro de arbítrio e dor.

Assim, será analisado o empoderamento feminino como uma alternativa para superar a violência e discriminação contra a mulher em ambientes familiares, a partir da análise narrativa do filme 'O Labirinto do Fauno' de Guillermo del Toro, lançado em 2006. A abordagem da análise fílmica segue metodologicamente o modelo proposto por Jacques Aumont e Marie Michel (2004), o qual examina a narrativa da obra com base na história das três personagens principais.

O cinema

O ser humano desde sua constituição está em movimento. Desde a África movimentou-se alcançando os quatro cantos do mundo seja por necessidade seja por conveniência. Esse movimento humano resta documentado em todas estas regiões do planeta. A arte rupestre, a escultura, a pintura em telas, todas as manifestações descritivas da vida humana dão conta do movimento. O Cinema por excelência, não poderia deixar de retratar o ser humano, sua vida em movimento. Desde quando os filmes eram constituídos por uma fita que movimentada por um mecanismo que projetava uma forte luz contra uma película na qual estavam gravados inúmeros quadros estáticos até os dias atuais onde complexos processos cinematográficos são empregados tem-se a mesmo objetivo, dar impressão ao espectador do movimento. Um movimento que acompanha a evolução da sociedade do século XIX. A sociedade das técnicas, a sociedade tecnológica.

Nas primeiras décadas do século XIX surge a fotografia. A captura do movimento, mas em um quadro estático, uma revolução para o momento. Seria logo ultrapassada por novos inventos pois não atendia ao preceito da vida, o movimento. Do cinetoscópio ao cinematógrafo foi um instante e logo o cinema como conhecemos surge por ideia dos irmãos Lumière aperfeiçoado por George Méliès. Pode-se afirmar que o cinema é a expressão artística própria do século XX. Para Frederico Pieper (2015):

O cinema é expressão da modernidade e da tecnologia, com todos os paradoxos que isso acarreta. Por outro lado, o cinema acaba se voltando para esses valores afim de lhes conferir novas dimensões, novos sentidos, inclusive questionando-os. Assim, se de um lado o cinema pode ser entendido como expressão de uma época, ele também pode ser aproximado de uma ideia de reflexão crítica sobre essa mesma época (PIEPER, 2015, p. 19).

Nesse sentido toma-se o cinema como expressão artística da modernidade, notadamente como arte em movimento retratado de uma sociedade marcada pelo espírito científico e tecnológico bem como pelo signo de uma sociedade centrada no comportamento massificado e urbano. Nesse interim “o cinema surge como uma janela simbólica que tanto alivia o espírito confrontando com o estado de coisas como o impele a um profundo estranhamento e a um desejo de transformação e transcendência.” (SANTOS, 2014, p. 247).

O cinema se mostra como a arte que proporciona ao ser humano uma possibilidade, ainda que fugaz, de realização de suas fantasias, sonhos, aspirações, desejos. Não obstante a isso, serve como ferramenta de espelhamento de realidades e sentidos, servindo o personagem, o ambiente, e quem sabe até mesmo o som como geradores de sentido para o espectador que neles se vê. Como refere Júlio Cesar Adam (2021, p. 119-120), “filmes são espelhos da cultura e, conseqüentemente, espelhos da religião vivida das pessoas”.

Nessa premissa, prestando-se o cinema como uma janela simbólica onde o ser humano (pós) moderno vê a si mesmo através de outros personagens os quais lhe conferem sentido de vida, poder-se-ia afirmar que há uma conexão natural entre o cinema e a religião? Podemos especular que sim, pois “o aspecto material de um filme remete para além dele, em

direção a uma realidade espiritual ou transcendente [...] o sagrado se manifesta por meio de objetos do cotidiano.” (PIEPER, 2015, p. 31).

De outra banda, mesmo que o cinema seja expressão de uma arte cifrada pela modernidade a produção fílmica mundial não se concentra somente em filmes de cunho secular, apartados de temas afeitos à religião. A produção cinematográfica de viés religioso ou mesmo até sem ter um objetivo religioso, mas com algum emparelhamento a um tema efeito à religião é tema corrente no cotidiano fílmico. E por que isso se dá? Especula-se que muito embora a sociedade cotidiana seja pautada pela técnica, massificada e urbana e, ainda que se constate um decréscimo na importância das grandes instituições religiosas para as pessoas, isto não se traduz na perda ou diminuição do sentimento de espiritualidade do ser humano.

“A imbricação da religião com as mídias não é algo que nasceu com a modernidade. Desde há muito a religião utiliza a mídia, através de um mediador ou mediadora, para comunicar a vontade de Deus” (METZ, 2018, p. 40). Desde a Grécia antiga o oráculo era usado como instrumento mediador do querer divino. De soberanos que queriam saber sobre uma melhor sorte numa batalha até simples agricultores curiosos sobre uma colheita faziam uso deste canal em busca de respostas divinas às suas questões mundanas. A mídia, contudo, desde lá aperfeiçoou-se e a partir do século XIX nos é apresentado uma miríade de formas pelas quais a informação é comunicada, notadamente o cinema que aqui ora se analisa.

O cinema é a mídia que mais concentra o poder de conferir sentido à pessoa que percebe a arte projetada. Diferentemente de outras formas artísticas como um livro, uma pintura, uma escultura, o filme tem o condão de gerar um aspecto de vida real, seja pelo movimento, seja pela forma análoga ao pensamento humano que se desenrola movimentando-se por imagens. Dessa forma, conforme bem relata Santos (2014, p. 249):

[...] a imagem cinematográfica, por ser amparada por uma máquina, garante-se a si mesma e torna-se autônoma a ponto de ganhar o aspecto de vida real. Por isso a experiência que instaura é como uma participação de um olhar alheio ao meu, para ver o mundo, durante alguns instantes, a partir de outros olhos. A experiência poderá confirmar o meu ponto de vista ou não. Nesse caso se ainda consinto assistir ao filme e ser instigado por ele, embora a sensação de novidade e negação de meus pressupostos, algo novo acontece em mim, provocando-me emoções e pensamentos que, nascidos em meu íntimo, me sugerem um estranhamento. Essa é, basicamente, a experiência cinematográfica, e por isso ela é tão poderosa: é um diálogo direto, intersubjetivo, de mente e coração para mente e coração por meio do qual consciências e subjetividades se (com) fundem. (SANTOS, 2014, p. 249).

Dessa forma a relação entre a religião e o cinema, percebendo que este mostra-se como uma ferramenta indutora da construção de sentido de vida naqueles que assistem ao filme, mostra-se profícua àquela, dado que a religião vivida, praticada e percebida pelas pessoas, como melhor define Júlio Cesar Adam (2018, p. 118), “não está relacionada apenas com formas implícitas da religião e do religioso, mas também com formas explícitas, ou seja, avaliando a teologia que as pessoas fazem, a maneira como elas interpretam sua espiritualidade e sua vivência de igreja”.

Diante dessa relação proficiente entre o cinema e a religião, no sentido de analisar problemáticas vividas pelas pessoas, fazendo uso do cinema para fins trazer à tona problemas

diuturnos enfrentados bem como tentar empreender sentido e perspectivas outras que não àquelas que se encerram em um círculo vicioso de privações e violências é a proposta do presente trabalho.

Os apontamentos sobre a violência contra as mulheres

A violência contra a mulher no ambiente familiar não é um assunto recente, visto que desde a antiguidade a luta pelo poder é perpassada por atos de arbítrio masculino, seja ele físico, psicológico ou moral. A violência pode ser compreendida a partir de fatores sociais, históricos, culturais e subjetivos, o que revela que este ato é uma “experiência de um caos interno ou a ações ultrajantes cometidas sobre um ambiente, sobre coisas ou pessoas, segundo o ponto de vista de quem a comete ou de quem a sofre” (BARUS-MICHEL, 2011 *apud* GUIMARÃES; PEDROZA, 2015, p. 259).

A violência contra a mulher ganhou destaque, na atualidade, a partir do aumento de denúncias de violações e mortes envolvendo o gênero feminino, mormente porque, com o advento da Lei 11.340/2006 mais conhecida por Lei Maria da Penha as mulheres se viram [mais] empoderadas para denunciar os abusos e os agressores que são, de modo geral, conhecidos e/ou têm/tiveram relações afetivas com as vítimas, em ambientes familiares, figurando majoritariamente como maridos, companheiros, pais, padrastos, patrões, etc.

Para Saffioti (1999 *apud* GUIMARÃES; PEDROZA, 2015, p. 2). o destino de gênero imposto às mulheres traz a sujeição aos homens (maridos ou pais) como regra, e assim se

mostra tênue o limite entre ter sua integridade rompida e suportar seu destino como mulher. Dessa forma, é como se existisse um *continuum* entre a violência e os direitos dos homens/deveres das mulheres e cada pessoa coloca seu próprio limite. Sem perceber, inclusive, que a existência desse tênue limiar já representa, de *per si*, uma violência.

Frente à gravidade dos índices crescentes¹ de situações de violência contra a mulher em ambientes familiares, destacamos o empoderamento feminino como alternativa de superação da violência e do arbítrio assim como uma alternativa simbólica para a busca de direitos. Segundo Kleba e Wendausen, (2009, p. 735) “por sua formulação ser de origem inglesa, alguns autores preferem usar o termo nesta língua – empowerment – para manter a fidedignidade da tradução”. É uma abordagem voltada para melhorar a situação e a posição dos grupos mais vulneráveis, a partir dos movimentos de emancipação de pessoas discriminadas na sociedade, tais como, negros, mulheres, homossexuais, para se fortalecerem como grupo e assim melhorarem sua autoestima.

Em que pese esse movimento de empoderamento de classes subjugadas originado nos Estados Unidos da América, suas raízes estão embasadas na Reforma Protestante realizada por Lutero no século XVI na Europa, na luta por justiça social contra o arbítrio de uma igreja excludente e autoritária. A maior notoriedade do movimento de empoderamento de classes subjugadas se deu na década de 1960, quando eclodiram movimentos sociais de

¹ 'Brasil está diante de um aumento de violência contra a mulher', diz pesquisadora - <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2023/03/03/brasil-esta-diante-de-um-aumento-de-violencia-contra-a-mulher-diz-pesquisadora.htm?cmpid=copiaecola>

libertação e de contracultura, desta forma o empowerment tornou-se sinônimo para emancipação social (BAQUERO, 2012). E com este ganho de autoestima lutar contra a violência, discriminação e falta de oportunidades é, em última análise, partir para a busca de seus direitos como cidadãos plenos.

A violência contra as mulheres e uma análise de o labirinto do fauno

Na narrativa fílmica *O Labirinto do Fauno*, as três personagens principais, Ofélia (menina), Carmem (sua mãe) e Mercedes (empregada doméstica) sofrem violência física e/ou moral, cada uma de uma maneira, no entanto buscam alternativas para fortalecer-se/empoderar-se e assim enfrentar os atos de violência do Capitão Vidal, figura masculina, detentora de poder, padrasto, marido e patrão dessas mulheres, respectivamente.

O filme retrata o período posterior à Guerra Civil Espanhola, remontando ao ano de 1944, época da consolidação do regime ditatorial do general Francisco Franco. Em meio a este momento bélico vivido tanto pela Espanha quanto pelo resto da Europa envolta na Segunda Guerra Mundial, acompanhamos a história de Ofélia, uma garota delicada e sonhadora de 13 anos de idade, que viaja com a mãe, Carmen, a qual sofre com uma gravidez de risco, para um posto militar no norte do país. Chegando ao local, a menina encontra Vidal, cruel capitão do exército franquista, novo marido de Carmen, que não sente afeto algum pela enteada. Enquanto Vidal se preocupa em acabar com a resistência republicana, Mercedes, empregada do capitão, ajuda clandestinamente o grupo de rebeldes, cujo líder é seu irmão, com apoio do médico local (RIBEIRO; SYNTIA, 2011).

A história inicia com Ofélia, a protagonista, viajando de carro com sua mãe Carmen, em estado avançado de gravidez, para ir ao encontro do Capitão Vidal, novo marido de Carmen e padrasto de Ofélia.

Carmen não se sente muito bem durante o trajeto e quando chega ao seu destino, o Capitão já ciente do ocorrido, insiste para que ela use a cadeira de rodas e não faça nenhum esforço para conseguir segurar o filho que ele repete por muitas vezes que vai ser homem. Ainda nessa cena, o Capitão cumprimenta Ofélia de maneira ríspida, quase violenta, deixando claro o seu incômodo em ter que recebê-la também.

Ofélia, por sua vez, sempre rodeada de livros, vai explorar a propriedade e encontra um labirinto que desperta a sua curiosidade. Entretanto é surpreendida por Mercedes, criada da casa, que carinhosamente a recebe e pede para ficar longe do labirinto para não se perder. Naquela noite, Ofélia pergunta à sua mãe por que se casou já que tinham uma a outra, mas a mãe pondera dizendo que um dia ela entenderá que não foi uma decisão fácil. Enquanto sua mãe dormia, Ofélia escuta uns ruídos e se depara com a visita de um inseto, neste caso, uma fada que a convidou para ir até o labirinto. Chegando lá, conheceu o Fauno² que se apresenta sendo como os montes, terra e o bosque. Ele revelou à Ofélia ser ela uma princesa e que para poder regressar ao seu mundo deveria conseguir completar três provas antes da lua cheia

² Fauno (em latim: *Faunus*; romaniz.: favorável, também Fatuus, "destino" ou "profeta") ser mitológico que tinha o nome usado para denominar criaturas que, tal como os sátiros gregos, possuíam um corpo meio humano, meio bode, e que seriam descendentes do rei Fauno (semideuses e, portanto, mortais). Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fauno> . Acesso em 20 nov. 2021

para abrir o último portal, provando não ter perdido sua essência. Ele lhe dá um livro de presente para que possa ver seu futuro e compreender o que fazer.

No outro dia, Ofélia fica sozinha no banheiro e aproveita para abrir o livro que não tinha nada escrito, mas logo apareceu instruções sobre a primeira prova. Naquela noite haverá um jantar e sua mãe a presenteia com um vestido, mas Ofélia vai até o bosque e consegue encontrar a chave, completando assim a primeira prova. Enquanto isso, Capitão Vidal ao receber a carga de suprimentos e remédios, chama Mercedes para que lhe entregue a única cópia da chave da dispensa, destacando que agora ele é o único que possui a chave.

Ao cair da noite, Carmen preocupada com a ausência de Ofélia, pede aos empregados que a procurem por todos os cantos do moinho. Enquanto isso, ela é apresentada oficialmente aos convidados do Capitão como sua esposa. Durante o jantar ele fala que luta por uma Espanha justa e limpa e se tem que matar os rebeldes para que todos se deem conta disso, será isso que irá fazer. Disse também que está onde quer estar, pois seu filho deve nascer onde está seu pai. Todos brindam ao discurso e uma das convidadas se dirige à Carmen para perguntar como se conheceram, ela tenta explicar de uma forma carinhosa, mas logo é interrompida pelo marido que pede desculpas aos convidados pelo seu pobre conhecimento de mundo e por dizer bobagens.

Durante a noite, Ofélia acompanhada da fada, vai ao labirinto encontrar o Fauno. Quando ela chega ele mostra o totem que está no centro do portal e diz que é ele e Ofélia que estão representados ali. Ofélia pergunta quem é o bebê, mas não obtém resposta. Ele lhe dá

instruções sobre a chave e entrega um pedaço de giz, ela questiona se pode confiar nele e ele dissimula com a sua voz e o seu comportamento.

No outro dia, Ofélia ao estar sozinha no banheiro, abre o livro e vê as páginas inundadas de sangue, abre a porta e depara-se com sua mãe toda ensanguentada pedindo ajuda. A menina pede ajuda ao capitão e este pede ao médico, que não importe o que precise ou custe, que a cure.

Ofélia precisa trocar de quarto para deixar a mãe repousar. Mercedes percebe a tristeza da menina e tenta acalmá-la dizendo ter um filho pode ser complicado, mas que sua mãe ficará bem. Ofélia responde que por isso não terá filhos e que percebeu que Mercedes ajuda às pessoas que vivem no bosque, mas que não precisa se preocupar que não comentará nada com ninguém. Mercedes a abraça e canta para ela.

Naquela mesma noite, o Fauno aparece no seu quarto e a repreende por ter evitado realizar a segunda prova, Ofélia tenta explicar que sua mãe está muito doente, ele diz que não é motivo para negligências, entretanto lhe dá uma mandrágora, uma espécie de raiz mágica, para que sua mãe melhore. Em seguida, lhe dá as instruções e uma ampulheta³ para que complete a segunda prova. Ofélia falha na segunda prova ao desobedecer ao Fauno quanto à uma das instruções. Ele fica muito irritado com ela, fala sobre sua decepção e que ela não poderá regressar ao mundo subterrâneo. A mãe, por sua vez, começa a dar sinais de melhora,

³ Artefato composto de dois vasos cônicos, de vidro, que se comunicam pelo vértice, através do qual certa quantidade de areia fina, escoando de um compartimento para o outro, mede uma fração do tempo; relógio de areia. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=NdGj> . Acesso em 21 nov. 2021

mas o Capitão ordena ao médico que se tiver que escolher, salve o filho, pois este levará o seu nome e o nome de seu pai.

Acontece um ataque ao moinho, muitas explosões, tiros e granadas, contudo o cadeado da dispensa foi aberto com chave, despertando a desconfiança no capitão. Logo depois, conseguem capturar um dos homens que vivia no bosque, e o Capitão para fazê-lo falar usa de métodos violentos como a tortura. Diante de tanta violência o homem capturado não consegue manter o silêncio e acaba revelando que há um informante dentro do moinho. Algum tempo depois o médico é chamado para atender ao homem e por súplica deste, acaba dando-lhe uma injeção mortal. Vidal que já estava desconfiado do médico o mata a sangue frio por não obedecer às suas ordens. Instantes depois, o Capitão é chamado porque sua mulher está prestes a dar à luz, então manda chamar o dono do bar daquele povoado para fazer o parto.

Carmen que já apresentava uma gravidez de alto risco dá a luz a um menino, como queria o capitão, não resiste e falece. Ofélia desolada não sabe o que fazer com a notícia da perda da mãe.

Depois da morte do médico, Capitão Vidal começa a desconfiar que Mercedes possa ser a informante e prepara uma armadilha para comprovar suas desconfianças dado que ele era o único que possuía tal chave. Mercedes se dá conta do perigo e tenta fugir, levando Ofélia consigo, mas é surpreendida pelo capitão e seus homens. Vidal leva Ofélia para o quarto, bate em seu rosto e dá ordem a seus homens que a matem se ela tentar escapar. Já Mercedes é

levada para a dispensa para ser torturada pelo seu patrão. Um dos homens de confiança do Capitão pergunta se é seguro que ele fique sozinho com Mercedes, mas este responde que ela não é nada mais que uma mulher. Mercedes retruca dizendo que por ser invisível à ele, pode estar vigiando todos os seus passos durante muito tempo. Sua arrogância e soberba jamais reconheceriam uma mulher como uma ameaça à força militar masculina.

Mercedes fere o Capitão, consegue escapar da dispensa e vai em direção ao bosque. Alguns homens de Vidal a perseguem, mas são mortos pelos homens que vivem no bosque. Enquanto isso, o Fauno aparece para Ofélia, em seu quarto, e diz que lhe dará outra oportunidade, entretanto ela terá que fazer tudo que ele disser, sem questionar-lhe. O Fauno pede que Ofélia leve o seu irmão até o labirinto, ela questiona, mas ele lembra do combinado de para não lhe fazer perguntas. Ofélia vai em busca de seu irmão que está nos aposentos do Capitão. Este é avisado que a maioria de seus homens foram mortos e que não sobreviverão a um ataque por parte dos rebeldes. Ofélia aproveita que o Capitão se distrai e coloca sedativo em seu copo. Poucos minutos depois, ele bebe e fica um pouco tonto, mas consegue ver Ofélia com o bebê em seus braços e a persegue em meio a um ataque ao moinho com muitas explosões. O Capitão Vidal segue Ofélia até o Labirinto e lá a vê com seu filho no colo falando sozinha. Nesse momento é com o Fauno que Ofélia discute dizendo que não o entregará ao Fauno para que ele sofra algum dano. Assim, Vidal se aproxima, retira o bebê dos braços de Ofélia e a mata com um tiro. Enquanto foge do labirinto é surpreendido por Mercedes e os rebeldes na saída, ele entrega o bebê à Mercedes e é morto por seu irmão, líder dos rebeldes.

Ofélia após levar o tiro, cai e o sangue que escorre por suas mãos pinga no meio do labirinto abrindo o último portal para o mundo subterrâneo. Quando ela acorda do outro lado encontra seu pai que era alfaiate, agora como rei, sua mãe Carmen como a rainha e ela sendo saudada como a princesa Moana. O Fauno também aparece e a cumprimenta por ter escolhido bem e obtido sucesso na última prova.

Assim, a partir desse recorte, entende-se que a vida de três mulheres, personagens principais do filme O Labirinto do Fauno, sofrem com a violência e discriminação de diferentes maneiras. A história se passa na década de 40 em uma Espanha que estava mergulhada no regime ditatorial de Franco.

Cabe destacar, que as produções fílmicas mesmo sendo ambientadas em momentos históricos diversos sempre trazem alguma mensagem para o momento em que estamos vivendo. Olhar para a violência cometida contra as mulheres dos anos 40 se faz relevante frente a tantas semelhanças que se fazem presentes no cotidiano feminino de hoje.

Ofélia, Carmen e Mercedes, protagonistas do filme O labirinto do Fauno serão objeto de discussão para a nossa análise.

Ofélia, uma menina de aproximadamente 13 anos, perdeu seu pai durante a guerra civil e viveu somente com sua mãe por algum tempo. É sensível, sonhadora, curiosa, criativa e adora ler. Sua imaginação é capaz de transportá-la a um outro mundo, onde não existe a dor, sofrimento e a amargura.

Ofélia chega ao moinho e conhece um padraço ríspido, violento e cruel, alguém que não esconde o descontentamento em tê-la por perto. Ofélia sofre por ter perdido o pai, vive com essa rejeição do padraço e se vê sozinha ao perder a mãe. Tenta buscar refúgio nos livros que tratam de histórias felizes retratando os contos de fada e no aconchego do colo de Mercedes que a escuta, canta e a trata com o carinho de uma mãe. A menina apesar de tantos infortúnios tenta manter-se de pé. O empoderamento se dá de diferentes formas na vida dela, através da arte, da literatura assim como das redes de apoio, nesse caso, com Mercedes que é com quem Ofélia pode contar. Ofélia passa praticamente todo o filme tendo o seu corpo aprisionado em uma casa ou em um quarto, mas a sua mente sempre esteve livre para voar e sonhar.

Carmen é uma mulher simples, porém delicada que faz de tudo pela segurança e felicidade de sua filha. Mulher de poucos recursos que se viu obrigada a trabalhar para sustentar a casa e a filha após perder o marido durante a guerra civil. Depois de algum tempo envolta em dificuldades, encontra Vidal que seria uma promessa de uma vida estável e segura para ela e sua filha. Carmen se casa com Vidal, engravida e vai com Ofélia viver no moinho. Desde sua chegada percebe que Vidal e Ofélia não simpatizam um com o outro e tenta amenizar essa situação entre os dois. Ela percebe ainda que para que seu casamento dê certo ela precisa dar à luz a um filho homem, ser submissa e não pode contrariar o marido, ainda que isso seja muito difícil pra ela. Enfrenta situações constrangedoras como no dia do jantar em que foi apresentada oficialmente como esposa, onde seu marido pede escusas aos convidados justificando que ela não possui conhecimento de mundo e diz muitas bobagens.

Carmen encontra forças para seguir acreditando que está fazendo a coisa certa quando se vê nesse estado de graça pela gravidez e quando consegue oferecer uma casa confortável para Ofélia, comida farta na mesa, livros, vestido e sapatos novos. O empoderamento se manifestam na vida de Carmen nessas pequenas coisas que ela acredita constituir o futuro da filha.

Mercedes, mulher forte, inteligente, discreta e muito observadora., é responsável pelos empregados do moinho e agente infiltrada dos rebeldes na casa a fim de vazar passar informações. Se mostra muito corajosa em diversas situações, mormente quando sofre perigo de ser descoberta, e mesmo assim não deixa transparecer seu medo. Mercedes é carinhosa e muito humana, revela esse lado quando se aproxima de Ofélia e tenta ajudá-la de diferentes formas. Também é muito atenciosa com Carmen durante o pouco tempo que esteve na casa. Mercedes se sente covarde por ter que servir a um homem cruel como Vidal, mas sabe que essa é a única maneira de estar próxima já que ela, aos olhos do Capitão, não oferece perigo por ser pobre, frágil, ignorante e, principalmente, por ser mulher. Mercedes encontra o empoderamento na empatia aos necessitados e na busca de melhores condições de vida a outras mulheres como Ofélia, por exemplo, que é o futuro de outras gerações.

Não obstante a isto, percebe-se que o filme mesmo se ambientando em um outro local, em um outro tempo, sob outras circunstâncias, o problema da violência contra a mulher se mostra o mesmo dos dias atuais. No Brasil, mesmo que tenhamos uma das leis protetivas das mulheres mais avançadas em termos legislativos - Lei Maria da Penha - isto não impede que haja altos índices de violência contra a mulher. Ainda é importante salientar que, nesses

elevados índices, subsiste uma cifra de subnotificação que se estima ser muito maior. Diante disso, é possível afirmar que a violência contra a mulher tem sua origem principalmente em uma matriz cultural, dada a persistência do sistema patriarcal que ainda impera no ocidente. Esse sistema gera traços culturais de subjugação da mulher em relação ao homem. Além disso, o empoderamento feminino surge como uma alternativa para a superação dessa lógica perversa. No entanto, devido a um sistema cultural estabelecido e engendrado para subjugar o corpo e a mente femininos, as mulheres enfrentam dificuldades para conquistar vitórias significativas na implementação de seus direitos.

Considerações finais

A violência contra a mulher é tema recorrente desde há muito, passando por todas as sociedades encontramos resquícios de violência e arbítrios masculinos no sentido de subjugar às mulheres a seu domínio. No Brasil não é diferente. Milhares de casos de violência são registrados em delegacias especializadas no atendimento da mulher diariamente, contudo a efetividade da solução desses casos é baixíssima. E este se mostra como um problema que retroalimenta o problema primário. Uma vez que a baixa efetividade de solução nos casos de violência contra a mulher acaba por fomentar um *ethos* de impunidade que acaba por impulsionar ainda mais o quadro de violência e arbítrio masculino.

No filme O Labirinto do Fauno que serviu de pano de fundo para as análises aqui apresentadas o empoderamento feminino como forma de superação da violência suportada não se mostrou efetivo no sentido de lhes salvaguardar a vida, pois tinham como prerrogativas

de empoderamento valores muito menores que no final de contas não às salvou de um destino trágico. Diante disso é possível afirmar que a violência contra a mulher é um traço cultural dado o sistema patriarcal que ainda impera no ocidente e que produz arquiteturas culturais de subjugação da mulher em relação ao homem e que, ainda, o empoderamento feminino seria uma alternativa para superação dessa lógica perversa mas que, por conta de um sistema cultural posto e engendrado para subjugar corpo e mente feminino impede que as mulheres tenham vitórias significativas na implementação de seus direitos.

Referências

ADAM, Júlio César. Teologia em movimento: Perspectivas da teologia prática como perspectivas da religião vivida a partir do cinema Brasileiro. *Numen: Revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora, v.21, n.1 jan/jun, p. 114-128, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/issue/view/927> Acesso em 05 nov 2021.

AUMONT, Jacques; Marie, Michel. **A análise do Filme**. Lisboa, Texto & Gracia Ltda. 2004

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: Instrumento de emancipação social? – Uma discussão conceitual. *Revista Debates*, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan.-abr. 2012. p.175 Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/26722/17099> Acesso em 19 nov. 2021

GUIMARÃES, M. C.; PEDROZA, R. L. S. Violência contra a mulher: problematizando definições teóricas, filosóficas e Jurídicas. *Psicologia e sociedade*, Belo Horizonte, vol. 27, nº 2, p. 256-

266, Maio/Agosto. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v27n2/1807-0310-psoc-27-02-00256> pdf Acesso em 20 abr 2020.

KLEBA, M. E., WENDHAUSEN, Á. Empoderamento: processo de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.18, n.4, p. 733-743, 2009.

METZ, Arthur Grams. **A profecia da grande tela: o cinema futurista apontando os desafios para a teologia prática**. São Leopoldo. EST/PPG. 2018.

MICHAELIS. **Dicionário Brasileito da Língua Portuguesa**. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=NdGj> . Acesso em 21 nov. 2021.

O LABIRINTO do Fauno. Direção e roteiro: Guillermo del Toro. Produção: Alfonso Cuarón. Intérpretes: Ivana Baquero; Maribel Verdú; Segi Lopez. Música: Javier Navarrete. ESP/MEX/EUA: Estúdios Picasso, Tequila Gang e Esperanto Filmoj, 2006. 1 DVD (119 min). Produzido pela Warner Bros Vídeos.

PIEPER, Frederico. **Religião e Cinema**. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.

PUNTEL, Clairton; ADAM, Júlio César. Mindfulness e espiritualidade como estratégia de enfrentamento em situações de crise. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo, v. 61 n.1, p. 239-255, jan./jun. 2021. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/780> . Acesso em 24 nov. 2021

RIBEIRO, Joana Marques Alves; SYNTIA Pereira. Memória e mito entrelaçados em O Labirinto do Fauno. **Aurora: Revista de arte, mídia e política**. São Paulo, n.11, p. 41-53. 2011. Disponível em: 18 <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/5626/4266> . Acesso em 20 abr. 2020

SANTOS, Joe Marçal Gonçalves dos. Cinema e Teologia: por que tratar de cinema numa teologia da cidade. In: ZWESTSCH, Roberto (Org). **Cenários urbanos: Realidade e esperança**. São Leopoldo, Sinodal/EST, 2014. WIKIPEDIA. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fauno> . Acesso em 20 nov. 2022.